



Fundamentalmente ter uma ideia em arte acaba por ser a mesma coisa que ter uma ideia sobre outra coisa qualquer, por exemplo. Isto porque no sentido que as operações mentais que são feitas até se chegar a uma conclusão, são as mesmas. Conquanto cada pessoa só reflecte sobre cinema ou pintura, por exemplo, se esses forem os seus interesses. Na sua substância a ideia é o resultado de um conjunto de operações mentais de ordem abstracta; é uma expressão que traz implícita uma presença de intenção, que resulta numa experiência material. Por isso quando surge uma ideia, existe um processo inconsciente, que de uma forma muito mecânica mas ao mesmo tempo também ela muito natural de um ser humano, desenvolve-se um método construtivo lógico que depende da singularidade dos conhecimentos obtidos ao longo da nossa experiência de vida. Esta é senão, a única acção que se tem de forma inconsciente, pois quando se fala de intencionalidade, invoca-se, inevitavelmente, a consciência.

Ainda em processo mental construtivo, pode-se recorrer, sempre que se necessite, à memória de acontecimentos já experienciados ou conhecimentos adquiridos recentemente e que possam servir a ideia e à sua simplificação matemática.

Para Platão, uma ideia que surge-nos de uma coisa, provém do mundo inteligível. E conclui que *a ideia acaba por ser a projecção do saber: ao verem a coisa, os olhos, ao emitir raios de luz, projectam a imagem dessa mesma coisa que existe em nós como princípio universal – extroversão.*

Para Aristóteles, a ideia surge através da experiência do sensível, dos fenómenos e dos fenómenos contingentes, acreditando que *as coisas emitem cópias de si próprias, através da reflexão da luz, cópias essas que são assimiladas pelos sentidos e interpretadas pelo saber inato ou adquirido – introversão.*

Os sinónimos podem variar, derivando do tipo de situação que se presencia no momento:

Aproximação mental: *Estás lá! Essa ideia aproxima-se da coisa!*

Conteúdo do pensamento: *Nunca havia pensado isso!*

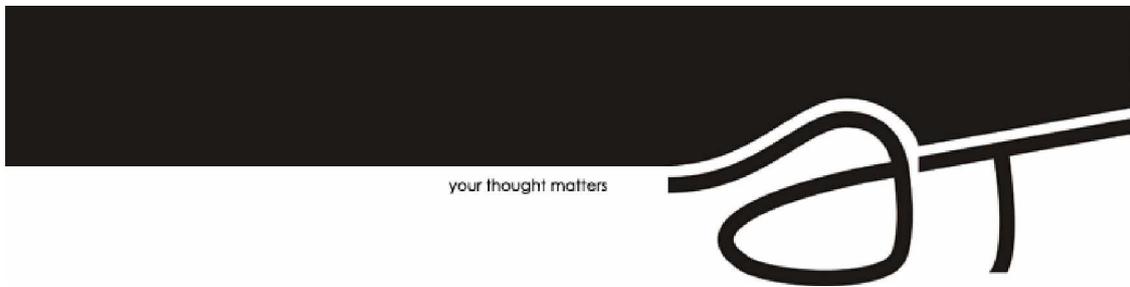
Conteúdo da forma: *Logo às primeiras notas, surgiu-me a ideia da partitura!*

Estima: *Com essa ideia vais conseguir!*

Intenção: *A ideia era não fazer o jantar hoje!*

Inovação: *É, sem sombras de dúvidas, uma ideia promissora!*

Opinião: *Não gosto nada dessa ideia sem pés nem cabeça!*



É através da experiência do sensível que a ideia surge à criança, e é através do seu saber inato que lhe surgem as ideias. Regra geral, uma criança tem ideias acerca de coisas que possam fazer para se divertirem e interagirem com o outro, por exemplo. Uma criança é incapaz de utilizar o seu mundo inteligível para ter ideias acerca do mundo empresarial, porque ainda não o experienciaram. Daí a capacidade de ter ideias ser comum a todos, mas a capacidade de as desenvolver requerer uma maior capacidade de concretização da imaterialidade em matéria.

À medida que se cresce, é desenvolvida a nossa capacidade jurídica que vai permitir definir com distinção, o que é bom e o que é mau – é a nossa sociedade que estabelece esses parâmetros. Não que sejamos programados a saber o que é uma ideia boa ou má, até porque, por norma, as ideias que nós temos, são, à partida, sempre boas ideias. Então o que nos diz que a nossa ideia é boa ou má? É a experiência. Sem experimentarmos o que pensamos será difícil saber se no mundo a nossa ideia tão imaterial que é, vai continuar a ser uma boa ideia havendo sempre a probabilidade de vir a ser um total fracasso.

No meio criativo, são incontáveis as vezes que se têm de deparar com este tipo de situações. Tudo é menos claro! A ideia é mais complicada de se pôr cá para fora, isto porque, agora estabelecendo aqui uma comparação, é como uma raiz; cá de cima não se vê. Quando se puxa por ela, a ideia vem com imensas ramificações e cheia de terra. O trabalho do Artista será, portanto e primeiramente, limpar a terra e seguidamente descobrir a raiz mestra (o assunto do seu trabalho). E é quando é descoberta a raiz principal que se pode dizer que o artista está a ser objectivo, por saber o assunto que trata o seu trabalho. Depois vem a materialização que resulta de todo esse “brainstorming” que é feito em paralelo com a experiência. Daí, por vezes, nem o artista nem o observador entenderem o que está a ser mostrado.

Acho que também é importante tratar-se sobre o estado de encantamento que a ideia causa, tal e qual o causa uma obra de arte. Este estado é prejudicial à acção. Deixa-nos fisicamente perplexos e boquiabertos. Quando se experimenta é frequente acabar-se por deixar ficar a contemplar um pormenor e se ficar agarrado no eterno a esse pormenor, esquecendo-se de agir. E por vezes é neste estado que muitos mostram as suas “obras de arte”, em estado de “não sei o quê”. É a experiência que nos vai quebrar o encanto e nos vai permitir continuar até se chegar finalmente ao pormenor que nesta altura o deixa de ser para passar a ser uma obra de arte.



O êxito nunca é certo. As probabilidades de se falhar parecem menores quando surge a ideia, mas à medida que se experimenta, os atritos que se opõem, dificultam uma antevisão, as expectativas diminuem e a frustração / desespero tomam-lhe o lugar. Contudo a capacidade de superação acaba por ser mais forte e essa ideia que outrora foi dada como falhada é agora uma ideia esquecida que pode ser revisitada na memória e vir a ser útil para completar uma outra ideia que possa vir a surgir – ajudando a saber o que não se deve fazer na próxima vez, por exemplo.

*Escrito por [Jorge Reis](#)*

*Tradução de [Ana Vinhas](#)*